

Castanha do Brasil – uma análise do potencial de crescimento da exportação

(2014)

Adriana Baldim Garcia¹ (FATEC Baixada Santista) – elisio.adriana@gmail.com

Célia M.S. Gomes² (FATEC Baixada Santista) - celiamsg07@gmail.com

Geraldo de Abreu³ (FATEC Baixada Santista) - abreugeraldo@hotmail.com

Luciana Ferreira⁴ (FATEC Baixada Santista) – dduolifer@gmail.com

Thayna Tamiris⁵ (FATEC Baixada Santista) - thaaayna@hotmail.com

Resumo: O Governo Federal e as cooperativas ligadas à produção da castanha do Brasil têm implementado vários mecanismos para melhorar o manejo e a comercialização. Atualmente, o maior exportador da castanha do Brasil é a Bolívia com cerca de 70% do mercado, a qual muitas vezes vem utilizando-se da castanha beneficiada no Brasil. A produção brasileira em 2012 foi da ordem de 38.805 toneladas. Este artigo tem como objetivo analisar por que a castanha do Brasil perdeu seu poder de exportação, mesmo quando suas florestas de castanhais estão próximas a grandes portos exportadores da região Amazônica. A metodologia aplicada foi de pesquisa descritiva aliada a entrevistas realizadas com empresas do setor. Três grandes entraves foram encontrados na análise da cadeia de abastecimento da castanha do Brasil: problemas de modais de transporte, presença marcante dos atravessadores e o problema de uma toxina (aflatoxina) desenvolvida devido ao manejo incorreto da castanha. Acreditamos que a castanha do Brasil é um mercado promissor e com as técnicas e processos que estão sendo desenvolvidos em toda região amazônica além da ação governamental os muitos entraves encontrados poderão ser solucionados. Recomendamos com isso um estudo para retomada da exportação via porto de Manaus, Belém ou Santana.

Palavras chaves: Castanha do Brasil; Aflatoxina; Cooperativas; Modais de transporte.

1. Introdução

O presente artigo tem o objetivo de apresentar uma análise do potencial de crescimento da exportação da castanha do Brasil, também conhecida como castanha do Pará ou castanha da Amazônia. A *Bertholettia excelsa* é comumente encontrada em maior abundância na região Amazônica, principalmente nos estados do Acre, Amazonas e Pará, e

¹ Graduada em Administração de Empresas pela Universidade Ibero Americana de São Paulo. Pós-Graduada em Gestão Empresarial pela Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo. Graduanda em Gestão Portuária pela Faculdade de Tecnologia da Baixada Santista – Rubens Lara.

² Graduada em Farmácia - Bioquímica, Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Londrina/PR, Curso Intensivo em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas. Graduanda em Gestão Portuária pela Faculdade de Tecnologia da Baixada Santista – Rubens Lara. Área de Atuação: Análises Clínicas e Gestão.

³ Graduando em Gestão Portuária pela Faculdade de Tecnologia da Baixada Santista – Rubens Lara.

⁴ Graduanda em Gestão Portuária pela Faculdade de Tecnologia da Baixada Santista – Rubens Lara.

⁵ Graduanda em Gestão Portuária pela Faculdade de Tecnologia da Baixada Santista – Rubens Lara.

em algumas áreas de Roraima, Rondônia, Maranhão e Mato Grosso. Além do Brasil, países como Peru, Bolívia, Colômbia e Venezuela contam com a presença dessa espécie em seu território.

Notadamente a castanha do Brasil, teve o início de seu extrativismo após a queda do extrativismo da borracha e tem em si uma grande importância social, tanto para a população rural como para a indígena que vivem da colheita desta castanha, mas como esta tem uma estrutura sólida, faz com que sua abertura seja um tanto difícil dentro das demais existentes (conforme figura 1), houve um grande período que a colheita era realizada de forma desorganizada gerando um dos grandes entraves para o consumo e para a exportação.



Figura 1 - Camadas de composição da castanha do Pará

A castanha brasileira registrou uma significativa retração em seu mercado, um fator que pode estar associado à elasticidade deste produto, por conta da sua fácil substituição por outras amêndoas no mercado internacional, devido a valor, variação cambial e forte competição exercida por outros países produtores, como Bolívia e Peru, que estão crescendo neste mercado, encontramos alguns outros entraves para a castanha do Brasil, são eles: a toxina aflatoxina, que é gerada pelo manuseio incorreto, as rodovias de acesso entre estados e portos e os atravessadores, que absorvem a colheita de alguns lugares de forma indiscriminada, sem contar o desmatamento dos castanhais que está comprometendo a floresta nativa.

O Governo Federal tem trabalhado no sentido de expandir o extrativismo da castanha do Brasil nas escolas das regiões produtoras, ensinando as boas práticas do cultivo até a colheita para consumo e exportação, utilizando uma cartilha do Ministério da Educação e Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica na região do Amazonas (2010), visando alcançar resultados positivos na disseminação de políticas de educação e novos produtos.

2. Origem da castanha no Brasil

A primeira sugestão de que os castanhais tenham sido criados e mantidos por antigos povos amazônicos veio do botânico e etnólogo ítalo-brasileiro Adolpho Ducke em 1946. Já Scoles e Gribel (2011) partiram do pressuposto que a intensidade das ações dos antigos habitantes da região nos castanhais deixou uma "assinatura" na população de árvores que

pode ser identificada e compararam os castanhais da região do rio Trombetas com os das vizinhanças do rio Madeira.

A primeira área era bastante ocupada por indígenas antes do descobrimento do país, mas depois sua população caiu drasticamente no século XVI. Já a segunda região teve a ocupação humana preservada mesmo após a colonização portuguesa.

As diferenças encontradas foram marcantes. Enquanto os velhos castanhais tinham mais árvores antigas e menos sementes disponíveis para novas germinações, os que tiveram a presença constante de seres humanos eram, em geral, mais jovens e produtivos.

Mas, um enigma permanecia: como a árvore conseguiu se espalhar por tantas regiões da floresta de forma tão marcante? Glenn Shepard Jr. e Henri Ramirez (2011) acreditam que mecanismos naturais não são suficientes, só mesmo a ação de populações humanas dariam conta do fenômeno. Para isso eles fizeram um levantamento multidisciplinar que deixa poucas dúvidas. Neste levantamento eles colheram evidências que vão desde a biologia, com análises genéticas das populações de castanheiras, até a linguística, correlacionando diversos idiomas indígenas para decifrar a importância histórica da castanha nas populações da região.

A castanha do Brasil em sua constituição tem várias aplicações. Os ouriços são utilizados como combustível e na confecção de objetos, a amêndoa é rica em proteínas, lipídios, vitaminas e rico em selênio.

2.1 O mercado da castanha do Brasil

Hoje o maior exportador da castanha do Brasil é a Bolívia com cerca de 70% do mercado, e muitas vezes utilizando a castanha beneficiada no Brasil que é enviada para lá. A produção da castanha do Brasil em 2012 foi da ordem de 38.805 toneladas.

Segundo informação do IBGE relativa a 2012 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – tabela e figura abaixo) e as várias pesquisas realizadas relativas a 2013, o líder do mercado da castanha do Brasil é o Acre, seguido do Amazonas e do Pará.

Tabela 1 - Distribuição da produção da castanha do Brasil




Tabela de conteúdo		
Variável = Quantidade produzida na extração vegetal (Toneladas)		
Tipo de produto extrativo = 1.3 - Castanha-do-Pará		
Ano = 2012		
Nível Territorial = Unidade da Federação		
Nome	Valor	Cor
Rondônia	1.714	Amarelo
Acre	14.088	Laranja
Amazonas	10.478	Laranja Escuro
Roraima	112	Amarelo Claro
Pará	10.449	Laranja
Amapá	426	Amarelo
Mato Grosso	1.538	Laranja

Fonte: IBGE - Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura 2012

Fonte: IBGE, 2012

Neste ano a Cooperacre (Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Acre), receberá investimento na ordem de R\$ 25 milhões do governo do Estado em equipamentos, pois a mesma já tem condição de beneficiar toda a produção local paraense e absorver parte da extração de Rondônia e da vizinha Bolívia, que hoje recebe nossa castanha para exportação. Além de já beneficiar as castanhas do Sul do Amazonas.

Esse complexo industrial vinculado aos produtos florestais envolve diretamente seis mil famílias de extrativistas. Além de dobrar a produção, Monteiro (superintendente da Cooperacre) acredita que, em 2014, em função da Copa do Mundo de Futebol, o governo federal “vai valorizar ainda mais nossa castanha por causa das questões de sustentabilidade socioambiental”.

Conforme informação da Agência Brasil, o Amazonas conta com projetos de agroecologia, entre eles o de incentivo da agricultura indígena, e do beneficiamento da castanha, que receberão recursos não reembolsáveis de R\$ 14,9 milhões oriundos do Fundo Amazônia, gerido pelo BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Social e Econômico). Segundo Bezerra titular da Secretaria da Produção Rural do Amazonas (Sepror), essa política se baseia em três linhas essenciais: a agricultura indígena, revitalização do sistema de produção da borracha, ou a retomada da exploração de seringas nativas, e o beneficiamento da castanha, “para agregar valor e verticalizar a produção”.

Em análise realizada pelo Centro de Inteligência em Florestas (CIFlorestas) em janeiro de 2013, as exportações de castanha do Brasil atingiram U\$S 210 mil dólares.

Tabela 2 - Análise das exportações de castanhas sem casca

País	Importações Totais do País selecionado			Exportações do Brasil para o País selecionado		
	2010	2011	2012	2010	2011	2012
Austrália	7.037	9.526	11.084	1.284	70	1.572
Estados Unidos	45.184	56.848	47.945	841	1	954
Rússia	3.469	3.553	5.729	423	116	659
Nova Zelândia	2.846	2.998	3.466	549	132	232
Reino Unido	38.536	50.863	37.523	268	117	244

Fonte: Radar Comercial (2012)

Conforme tabela 2, perdemos exportações para grandes mercados, como por exemplo, os Estados Unidos, que exportava uma maior quantidade e devido há alguns entraves passou a importar em maior quantidade da Bolívia. Já com casca somos líderes de exportação em 1º lugar para Hong Kong, 2º lugar Bolívia, 3º lugar Estados Unidos e 4º lugar a China.

2.2 Fatores que influenciam a qualidade da castanha a partir da sua origem - mudança entre os locais de produção

É possível verificar várias mudanças entre os locais de produção, alguns em pleno funcionamento da cadeia logística como o Acre que implantou uma cooperativa para manufatura da castanha e outros em processo de aceitação dos próprios moradores, como é o caso do assentamento Botos em Humaitá no Amazonas, que segundo Cardoso (2012) a produção é realizada de forma rústica, não há manejo planejado e a organização social dos

Extrativistas é enfraquecida, o que reflete em problemas como perda de produção, baixo preço no mercado e dependência de atravessadores para comercialização.

Nas comunidades Kayapó no sul do Pará a coleta da castanha é uma atividade tradicional, sobre a qual os Kayapó têm total conhecimento e domínio, não exigindo, como em outras atividades de geração de renda, processos de capacitação. Além disso, a renda gerada por esta atividade é totalmente compatível com a capacidade de gestão das comunidades Kayapó e distribuída entre a grande maioria de seus membros, já que participam da coleta homens e mulheres, jovens e adultos. Por ser uma árvore nativa e apresentar uma ampla distribuição nas florestas da região, sua exploração também contribui para a conservação das ameaçadas florestas desta região (KAYAPÓ, Kaikware et al, 2013).

O Ministério da Educação juntamente com a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica na região do Amazonas (2010) lançou uma cartilha que acreditam, com esse trabalho, alcançarão resultados nas políticas de educação e desigualdade social, além de novos produtos com a amêndoa da castanha para as comunidades locais.

Após o ciclo da borracha, os seringueiros substituíram as seringas pelas castanheiras como meio de sobrevivência. O Instituto Chico Mendes de Conservação e Biodiversidade, vinculado ao Ministério do Meio Ambiente – IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) tem o compromisso de executar ações do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, podendo propor, implantar, gerir, proteger, fiscalizar e monitorar as Reservas Extrativistas de castanhas do Pará espalhadas na região Amazônica e Acre, assim como responsável por programas de pesquisa, proteção e conservação da biodiversidade.

2.3 Coleta, Processamento, Armazenamento e Transporte

O IDAM (Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas) divulga dentro das comunidades amazonenses o relatório de boas práticas de manejo da Castanha do Brasil: conceito, objetivo, importância, aflatoxina o que é e como ataca e forma de prevenção, atividades de manejo, uso de EPI (Equipamento de Proteção Individual), mapeamento do castanhal, limpeza da área, coleta de ouriço, métodos de amontoa, quebra dos ouriços, pré-seleção e condução, métodos de lavagem, secagem, armazenamento, transporte e beneficiamento.

Também com o apoio de pesquisadores da Embrapa que desenvolveram técnicas de manejo capazes de garantir a saúde e uma maior produtividade das castanheiras. Além disso, processos práticos a partir da coleta passaram a evitar a formação do fungo *Aspergillus flavus* que infecta a castanha com a aflatoxina⁶ que é capaz de estimular o surgimento do câncer no aparelho digestivo de seus consumidores. Devido a isso a comercialização da castanha do Brasil chegou a ser proibida em vários países da Europa.

No Noroeste do Mato Grosso, a SEMA (Secretaria de Estado do Meio Ambiente do Mato Grosso) desenvolveu um programa chamado PIC (Programa Integrado da Castanha) e juntamente com o apoio técnico da PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), trabalham o desenvolvimento dos povos indígenas, agricultores e

⁶ No Brasil, a legislação da ANVISA – Agência Nacional que está vigente, é a Resolução – RDC 07, de fevereiro de 2011. O Ministério da Agricultura não possui legislação para este produto. A unidade de medida nos limites máximos microgramas/kg ($\mu\text{g}/\text{kg}$). Já a legislação internacional varia a concentração aceitável, a Europa é mais exigente, onde para exportação é permitido até $4\mu\text{g}/\text{kg}$ sendo no Brasil a castanha com casca para consumo direto $20\mu\text{g}/\text{kg}$, a castanha sem casca para consumo direto $10\mu\text{g}/\text{kg}$, a castanha sem casca para processamento posterior $15\mu\text{g}/\text{kg}$, para consumo interno.

seringueiros, no desenvolvimento social, na capacitação e estruturação do sistema de manejo da coleta a comercialização, além de fomentar o processo de gestão territorial.

Após o transporte, a coleta nos acampamentos foi levada para as aldeias e submetida mais uma vez ao processo de secagem. Com o auxílio de um caminhão, a produção seguiu para Boa Vista para ser vendida nas feiras da cidade (Instituto Socioambiental, 2013).

2.4 Cooperativas

Com a missão de trabalhar pelo desenvolvimento econômico de atividades agroflorestais sustentáveis do ponto de vista ambiental, econômico e socialmente justo, formam-se várias cooperativas de comércio e indústria de produtos florestais, que hoje agrega associações, cooperativas e ONGs dedicadas a atividades extrativistas incluindo a Castanha do Pará.

Destacamos algumas cooperativas que estão fazendo a diferença na região, e nos dias de hoje a Cooperacre (Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Acre), escoava mais de 100 toneladas da castanha e tem o maior conglomerado de indústrias de castanha do Brasil congregando 20 cooperativas e associações em 10 municípios do estado.

Já em Rondônia o governo do Estado sinaliza a implantação de três agroindústrias de castanha do Brasil pelo sistema de cooperativas no distrito de Riozinho, no município de Cacoal, em Guajará-Mirim no Vale do Guaporé.

A secretária adjunta da Secretária de Agricultura, Pecuária e Regularização Fundiária (Seagri) Mary Terezinha Braganhol (2012), acredita que será um grande avanço para beneficiar as comunidades que exploram o extrativismo sem agredir o meio ambiente.

No Amazonas a Cooperativa Verde de Manicoré (Covema), modernizou sua linha de beneficiamento de castanha, através da instalação de máquinas e equipamentos que permitirão a separação da casca da amêndoa por meio mecânico. Atualmente a cooperativa tem capacidade de beneficiar 300 toneladas ao ano, atendendo ao mercado nacional (São Paulo, Rio de Janeiro e Manaus) e internacional.

2.5 Transporte rodoviário

A coleta da castanha-do-Brasil no Amapá também é significativa na região e é base do sustento de muitas famílias. Um dos principais problemas enfrentados pelos agricultores é a dependência dos caminhões de feira, que buscam a mercadoria em locais de difícil acesso e a transportam até as áreas urbanas.

A infraestrutura de transporte rodoviário em toda área pode ser caracterizada como precária, em virtude da inexistência de manutenção ou péssimas condições das estradas. A infraestrutura rodoviária na região é constituída basicamente pela BR-156, AP-010, AP-020 e AP-130, sendo a AP-010 uma das poucas estradas pavimentadas do Estado que liga a capital Macapá à cidade de Mazagão. O trecho entre Macapá e Mazagão, passando por Santana possui 37 km de extensão e travessias por balsa nos rios Matapi e Vila Nova.

A Rodovia BR-156 constitui a principal ligação Norte-Sul do Estado do Amapá, e sua pavimentação está programada para ocorrer no segundo semestre de 2014, ocasionando com isso mudanças no transporte de pessoas e mercadorias entre as comunidades e cidades localizadas ao longo do trecho, possibilitando inferir o surgimento de uma integração entre os modais de transporte hidroviário e rodoviário.

O acesso ao Porto de Santarém, por exemplo, é realizado pela BR 163 (Cuiabá/Santarém) e pela BR 230 Transamazônica (Cabedelo na Paraíba, a Lábrea, no Amazonas).

2.6 Transporte aquaviário

A construção do Porto de Santana (antigo Porto de Macapá) foi iniciada em 1980, com a finalidade original de atender à movimentação de mercadorias via fluvial, transportadas para o Estado do Amapá e para a Ilha de Marajó. Todavia, pela sua posição geográfica privilegiada, tornou-se uma das principais rotas marítimas de navegação, permitindo conexão com portos de outros continentes, além da proximidade com o Caribe, Estados Unidos e União Europeia, servindo como porta de entrada e saída da região amazônica.

O Porto de Santarém foi inaugurado em 11 de fevereiro de 1974, em uma área de 500.000 m², está localizado na margem direita do Rio Tapajós, de onde partem navios que seguem pelo Rio Amazonas até o Oceano Atlântico com destino à Europa e Ásia.

Já o Porto de Belém foi inaugurado em 02 de outubro de 1909 e está situado a uma distância de 120 km do oceano Atlântico. Sua localização é na margem direita da baía de Guajará, formada pelos rios Moju, Guamá, Acará e Pará. É um porto abrigado, praticamente isento de ventos fortes. Na margem esquerda dessa baía se localiza a Ilha das Onças com 19 km de comprimento e uma série de ilhas menores. (FIGURA 3)

Figura 3 - Porto de Belém



Fonte: CDP - Companhia Docas do Pará (2014)

3. Materiais e Métodos

Este trabalho foi desenvolvido a partir de artigos científicos, pesquisa bibliográfica, sites específicos da área agrícola e cooperativas de beneficiamento.

Posteriormente fizemos uma revisão de todo material para melhor elucidação do objetivo proposto.

Por fim, realizamos algumas entrevistas para finalizar a discussão de resultados e nossas considerações finais a respeito do mesmo.

4. Resultados e Discussões

Em nossa análise percebemos ao longo dos estudos que a Bolívia importa a castanha brasileira, o que acaba tornando-a líder do segmento de castanha sem casca para o exterior. Hoje temos alguns grandes entraves para exportação da castanha do Brasil, entre eles: aflatoxina que ocorre no manuseio da castanha *in natura* fazendo com que muitos países não comprem do Brasil. As principais rodovias de ligação entre os Estados encontram-se em péssima conservação, e os intermediários que ainda agem dentro da ilegalidade junto aos colhedores de castanhas, fazendo com que os mesmos não tenham opção de venda para grandes cooperativas e trabalhem de forma escrava.

O comércio brasileiro da castanha do Brasil obedece ao fluxo interno e o de exportação, onde esta relação tem crescido na proporção de quase 30% para exportação e 70 a 75%, no consumo interno. O destino principal na exportação entre os mais significativos, do produto *in natura* é a Bolívia seguida dos Estados Unidos, incluindo a beneficiada, Hong Kong e Austrália. (CONAMA, Abril, 2012).

O preço médio pago aos produtores elevou-se nos últimos onze anos, praticamente em 460%, passando de uma média de R\$ 0,35/kg em 2000, para os atuais R\$ 2,05/kg em 2012. Apesar do aumento dos preços observou-se somente uma correção nos valores pagos aos produtores, pois eram irrisórios e de caráter explorador por parte dos comerciantes que se viram obrigados a diminuir suas margens de lucro para o comércio varejista.

Segundo o MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) haverá um trabalho direto do mesmo para diminuir os gargalos da produção, como déficit de armazenagem, vias de transporte intermodal rodoviário, ferroviário e aquaviário, eclusas nas hidroelétricas para passagem de produção e, por fim, portos mais ágeis e competitivos que reduzam custos para o setor produtivo.

Nosso crescimento será pautado pela sustentabilidade ambiental, ganhos de produtividade da terra com preservação do meio ambiente, tecnologias que reduzam custos e tragam maior renda aos produtores, assim como resultados que proporcionem maior qualidade de vida para toda a sociedade brasileira (Antônio Andrade, 2013).

4.3 Apresentação dos resultados das entrevistas

As entrevistas realizadas em (22 de abril de 2014) por telefone com exportadores cadastrados no MAPA (2014) obtivemos as seguintes citações:

Conforme gerente de vendas, de empresa do setor, a colheita ocorre no período de novembro a janeiro, industrializam e enviam até o consumidor final.

A comercialização atual é do mercado nacional. Atendem encomendas para empresas que tem interesse em relacionar a imagem à sustentabilidade.

A distribuição é feita em São Paulo, através da BR 364 e para o exterior via correio. A distância não compensa a utilização do transporte hidroviário e marítimo. O porto que poderia atendê-los é o Porto Velho – Portobrás que está a 500 km de rodovia em condições ruins. O escoamento é um dos obstáculos enfrentados pela cadeia produtiva, e o acúmulo de entregas devido ao excesso de chuvas.

Contudo, os atores desta cadeia estão focados em atender o aumento do consumo interno e a pequena exportação, através do Porto de Santos. Agora com a construção da terceira usina, o setor se prepara para retomada do mercado externo. Já a aflatoxina, também é um problema, mas foram tomadas várias ações que proporcionou uma diminuição de contaminação e melhoria da qualidade, após vivência e parceria com a EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), na mudança do armazenamento.

Anteriormente os depósitos eram de alvenaria, fechados, sem ventilação, em altas temperaturas faziam o cozimento da castanha, e hoje construídos de madeira, são ventilados, com elevação do solo para diminuir o contato (fungo).

A Bolívia é o maior beneficiador e exportador, é onde se encontra as maiores indústrias de beneficiamento. Outro fator é que o Brasil não consegue atender a demanda, não conseguindo beneficiar toda sua produção, escoam o produto por suas fronteiras de forma clandestina sem pagar impostos.

Outra exportadora localizada em Oriximiná informa que o transporte da castanha com casca desde a floresta até a fábrica é feito por rodovia PA-254 ou através de hidrovia. Em Oriximiná concentra-se o recebimento para fazer o beneficiamento, desde a limpeza, medição/pesagem e procedimento mecanizado de aproximadamente 5.000 kg/mês em caixas de 20 kg. A fábrica faz a distribuição, por rodovia através de transportadoras contratadas ou navios, para exportação, utiliza o Porto de Manaus, envia para os diversos países da Europa e EUA.

A última entrevista realizada foi com a responsável pela distribuição de uma usina localizada em Óbidos no Pará, onde o beneficiamento é sustentável, as castanhas podres são utilizadas para fazer sabão, a casca é biocombustível para a caldeira, a película em adubo. As castanhas são separadas por tamanhos e tipos, incluindo a orgânica, empacotada 20 kg a vácuo. No porto utilizam os navios Amazon Star e Rondônio para Belém onde é intermediado para distribuição, e utiliza o transporte terrestre terceirizado principalmente para São Paulo, de 1000 a 1500 caixas para consumo interno. A exportação é feita para os Emirados Árabes, EUA, Hong Kong e Dubai.

5. Considerações Finais

Acreditamos que a Castanha do Brasil hoje é um mercado promissor a ser explorado, mas há uma necessidade de transpor o desmatamento da floresta de castanhais o que vem ocorrendo com grande persistência, e por se tratar de uma atividade extrativista, são vários os fatores que interferem nessa relação, sendo o preço o mais influente. Sob esse aspecto a ação governamental de apoio à produção extrativista tem gerado resultados positivos, uma vez que a organização dos núcleos em cooperativas e organizações de classe tem dado maior poder de negociação, vez que a cadeia produtiva, por ser muito frágil, depende de poucos compradores que praticamente ditam o preço.

Já há projeções do MAPA para solucionar os entraves da produção, armazenagem, transporte terrestre e aquaviário, além de portos mais ágeis reduzindo assim os custos do setor produtivo e equacionando muitos problemas para o setor, e com isso, aumentar a participação da castanha do Brasil no mercado interno e externo.

Referências

Agência Brasil – Disponível em: <http://memoria.etc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-12-12/amazonas-vai-receber-r-149-milhoes-do-fundo-amazonia-para-projetos-de-agroecologia> acesso em: 21/04/2014

Brasil SUS – Disponível em: <http://www.brasilsus.com.br/legislacoes/anvisa/107378-7.html> acesso em: 21/04/2014

CIF – Centro de Inteligência em Florestas – Disponível em: http://www.bibliotecaflorestal.ufv.br/bitstream/handle/123456789/3303/AnaliseConjuntural_Numero_39_Ano5.pdf?sequence=1 acesso em: 27/03/2014

CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento – Disponível em: http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/12_05_17_15_27_18_conjunturacastanhadobrasilabril2012.pdf acesso em: 17/04/2014

D24AM – Disponível em: <http://www.d24am.com/noticias/economia/cooperativa-do-acre-beneficia-castanha-oriunda-do-amazonas-e-para/103251> acesso em: 21/04/2014

Ecofinanças – Disponível em: <http://www.ecofinancas.com/noticias/governo-implantar-agroindustrias-castanha-brasil-rondonia> acesso em: 24/04/2014

Exportações Vegetais – disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/vegetal/exportacao/alimentos> acesso em: 16/02/2014

FAPESP – Pesquisa 198 – *Castanhais podem ser resultado da ação de populações indígenas antes da colonização europeia* – Disponível em: http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2012/08/15_castanheiras_198.pdf acesso em: 16/02/2014

G1 Amapá – Disponível em: <http://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2014/03/audiencia-vai-discutir-pavimentacao-do-trecho-macapa-jari-da-br-156.html> acesso em: 21/04/2014

GOMES, Márcia Campos, NOGUEIRA, Ana Claudia Fernandes; COSTA, Francimara Souza da; SANTOS, Jéssica Cristian Nunes; BORDINHON, André Moreira – 14578 – *Manejo comunitário e boas praticas de produção da castanha do Brasil (Bertholletia excelsa) no projeto de assentamento agroextrativista Botós – Humaitá – AM* – Caderno de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Vol. 8, nº 2, Nov 2013

KAYAPÓ, Kaikware; KAYAPÓ, Bengoti; JEROZOLIMSKI, Adriano; NEVES, Ramon de Paula - 13689 - *Fortalecendo a cadeia produtiva da Castanha-da-Amazônia (Bertholletia excelsa) em comunidades Kayapó do Sul do Pará* - Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Vol 8, No. 2, Nov 2013

MEC – Ministério da Educação – Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000013532.pdf> acesso em: 16/02/2014

MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – Disponível em: <http://www.mdic.gov.br> acesso em: 25/02/2014

MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio – Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/internacional/indicadores-e-estatisticas> acesso em: 16/02/2014

Portal do Governo do Amazonas – Disponível em: <http://www.amazonas.am.gov.br/2012/02/covema-moderniza-linha-de-producao-com-o-apoio-do-governo-do-estado/> acesso em: 24/04/2014

Porto de Belém – Disponível em: <http://www.cdp.com.br/porto-de-belem> acesso em: 24/04/2014

Porto de Santarém – Disponível em: <http://www.cdp.com.br/porto-de-santarem> acesso em: 24/04/2014

Projeto de coleta da castanha do Brasil em comunidade indígena de Roraima – Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/513-projeto-de-coleta-de-castanha-beneficia-comunidades-yanomami-em-roraima> acesso em: 23/04/2014

Radar Comercial – Disponível em: <http://radar.mdic.gov.br/> acesso em: 25/02/2014

Micotoxinas – Disponível em: <http://www.micotoxinas.com.br/legisla.html> acesso em: 21/04/2014

Rede TV - Good News – Disponível em: <http://www.redeTV.uol.com.br/Video.aspx?107,12,395005,jornalismo,good-news,castanha-produzida-na-reserva-extrativista-chico-mendes-faz-sucesso-internacional> acesso em: 22/03/2014

SEAGRI – Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Regularização Fundiária em Rondônia – Disponível em: <http://www.seagri.ro.gov.br/?p=2146> acesso em: 21/04/2014

SIDRA – Sistema IBGE de Recuperação Automática – Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=289&z=p&o=28&i=P> acesso em: 20/04/2014